

Máiquel, o herói da morte:
uma análise mitológica do romance
O matador de Patrícia Melo

Rosana Cacciatore Silveira

Mestranda em Literatura

A verdade é uma só, mas os sábios falam

dela sob muitos nomes

Os Vedas

O que se lerá neste texto é uma análise do romance *O matador* de Patrícia Melo, tendo como foco particular de investigação o seu aspecto mitológico. Ou seja, o que procuraremos aqui é dissecar a estrutura “mítica” do personagem central do romance com o interesse de verificar a sobrevivência literária dos grandes temas mitológicos,

mesmo que dessacralizados ou simplesmente camuflados sob formas “profanas”.

A escolha específica desse romance se dá, justamente, pelo fato de o protagonista ser um matador profissional, o que pode parecer estranho, num primeiro momento, à idéia dos temas e heróis míticos. Poderá alguém que incontáveis vezes comete a pior das violências que o ser humano pode sofrer, o assassinato, ainda ser um herói? É isso que veremos.

Antes, porém, de nos atermos ao objeto específico de análise deste trabalho, convém que se faça um breve comentário sobre a autora e sua obra, com objetivo de situar sua produção de maneira temática no cânone literário.

Patrícia Melo é uma escritora paulista considerada pela crítica como uma autêntica autora policial, que apresenta uma influência direta do mestre Rubem Fonseca, discípula confessa, mas que não se tornou uma cópia; diz-se até que supera o mestre. Pode-se, entretanto, com certeza afirmar, após uma leitura de três obras suas – *Acqua toffana* (1994), *O matador* (1995) e *Elogio da mentira* (1998) – que Patrícia tem preferência em desenvolver sua ficção com o foco narrativo em primeira pessoa do singular, criando narradores masculinos e, em sua maioria, assassinos. Apesar de seu último romance, lançado em setembro de 2000, *O inferno*, contrariar essa preferência e apresentar uma mudança estilística: a narrativa é feita na terceira pessoa do singular.¹

Em *O matador*, objeto de análise sobre o qual trabalharemos, a narração se dá através de *Máiquel* que, em decorrência de uma simples aposta, se vê envolvido numa série de crimes, se transformando num criminoso brutal, num matador profissional. Para esse romance Patrícia desenvolveu uma

intensa pesquisa sobre o mundo do crime, presídios e matadores, nos apresentando uma narrativa ágil, densa e bem-humorada pelos meandros da violência urbana.

Pode-se ainda afirmar que a temática do crime e da violência, na qual se centra a obra da autora, é recorrente em toda a história da literatura. Podemos lembrar algumas obras clássicas de ficção de outras literaturas e de outras épocas, para que sirvam de exemplo, como *Os irmãos Karamazov* e *Crime e castigo* de Dostoiévski; os textos trágicos de Sófocles, *Édipo rei* e *Antígona*; *O processo* de Franz Kafka; *Angústia* de Graciliano Ramos; *Casa de pensão* e *O mulato* de Aluísio de Azevedo; *O cobrador* de Rubem Fonseca; e até os textos bíblicos são exemplos de violência e crime, nos quais Jesus Cristo e Jó seriam vítimas expiatórias de uma violência universal, como afirma René Girard.²

E, justamente, a partir dessas idéias girardianas, de que a violência é um componente natural das sociedades humanas a ser incessantemente exorcizado pelo sacrifício de vítimas expiatórias, e do modelo estrutural de herói proposto por Joseph Campbell é que analisaremos a trajetória do personagem Máiquel, no romance *O matador* de Patrícia Melo.

De acordo com Campbell, existe um modelo paradigmático de herói, um percurso-padrão para a aventura mitológica do herói, que pode ser encontrado numa ampla gama de mitos e contos folclóricos de todos os cantos do mundo em todos os tempos, que ele denomina de monomito. Para Campbell essa aventura universal apresenta três (3) estágios clássicos, que podem ser considerados como as unidades nucleares do mito: (1^o) *separação ou partida* (com cinco subseções); (2^o) *provas e vitórias da iniciação* (com seis subseções); e (3^o) *retorno e*

reintegração na sociedade.³ Buscaremos, a seguir, essas passagens no romance em questão.

Primeiro estágio da jornada mitológica do herói: a partida

1º) O chamado da aventura

O primeiro passo da aventura do herói mítico começa sempre por um incidente, um “erro”, aparentemente um mero acaso, mas que se trata do primeiro indício de um mundo insuspeito, um mundo fabuloso no qual o herói irá se aventurar; é o *chamado da aventura*, de que fala Campbell. Palavras suas: “o erro pode equivaler ao ato inicial do destino”.⁴

No romance *O matador*, esse primeiro passo da aventura do herói está logo no primeiro capítulo. A frase que dá início à narração deixa bem claro o caráter de acaso da história que será narrada: “Tudo começou quando perdi uma aposta”.⁵

A aposta que Máiquel, o narrador-protagonista do romance, havia perdido era sobre o resultado do jogo entre São Paulo e Palmeiras e o pagamento era pintar o cabelo de castanho-aloirado. Por uma distração, um “erro”, a pintura fica mais tempo do que deveria e o cabelo de Máiquel torna-se loiro. E eis que acontece a transformação de Máiquel, o momento em que o herói “entra numa relação com forças que não são

plenamente compreendidas (...), podendo anunciar o chamado de um grande empreendimento histórico, assim como pode marcar a alvorada da iluminação religiosa”.⁶
Vejam os:

Sempre me achei um homem feio. Há muitas curvas em meu rosto, muita carne também, nunca gostei. Meus olhos de sapo, meu nariz arredondado, sempre evitei espelhos. Naquele dia foi diferente. Fiquei admirando a imagem daquele ser humano que não era eu, um loiro, um desconhecido, um estranho. Não era só o cabelo que havia ficado mais claro. A pele, os olhos, tudo tinha uma luz, um moldura de luz. De repente todos os meus traços tornaram-se harmônicos, a boca, que sempre fora caída, continuava caída, o nariz continuava arredondado, as pálpebras inchadas, porém tudo isso era bobagem porque havia algo maior, mais importante, a moldura. Havia Luz na minha face, e não era uma luz artificial de refletores. Era aquela luz que a gente vê em imagens religiosas, luz de quem é iluminado por Deus. Foi assim que me senti, próximo de Deus.⁷

Como a leitura de Campbell é instrumentalizada pela psicanálise, poderíamos seguir seus passos e dizer que o “erro”, na verdade, é resultado de desejos e conflitos inconscientes, se observarmos o que diz Máique logo a seguir: “Aquele tinteiro tingiu alguma coisa muito profunda dentro de mim. Tingiu minha autoconfiança, meu amor-próprio. Foi a primeira vez, em vinte e dois anos, que olhei o espelho e não tive vontade

de quebrá-lo com um murro”.⁸

Também poderíamos buscar um paralelo nos contos de fadas, em que esse momento de transfiguração significa a passagem do herói para uma outra fase da vida, geralmente da infância para a adolescência. No caso de Máiquel, pode significar a passagem da adolescência para a fase adulta. Ou, ainda pensando na narração de Máiquel citada acima, poderíamos fazer uma outra analogia, agora com as narrativas místicas em que esse momento da trajetória do mito ou santo “é marcado por aquilo que se deu o nome de *o despertar do eu*”.⁹

2º) A recusa do chamado

Ainda conforme Campbell, nesse segundo momento da aventura mitológica, o herói tenta de todas as maneiras recusar o chamado, mas de alguma maneira o destino fará com que cumpra sua jornada pelo “mundo fabuloso”.¹⁰

Em *O matador*, o episódio que marca esse momento da trajetória do herói é quando Máiquel faz sua primeira vítima.

Máiquel havia marcado um duelo e não entende por que fez aquilo: “No dia seguinte, acordei com dor de dente e não fui trabalhar. Estava arrependido de ter proposto um duelo, aquilo tinha sido uma bobagem, uma estupidez sem fim. Quis dar uma de bacana para impressionar a Cledir e me ferrei todo”.¹¹

Vemos que Máiquel de fato não deseja duelar. Ou seja, se recusa ao chamado da aventura; no entanto:

Cledir soluçava, implorava, não faça isso, não estrague sua vida. Tudo bem Cledir, não precisa chorar, você tem razão. Apartamento com dois dormitórios, sem entrada, aproveite. Não vou duelar. Móveis para a cozinha. Vou me casar com você. Tudo para o seu lar. Vou trabalhar direito naquela loja de carros usados, vou melhorar de vida. Coisas boas passaram pela minha cabeça, mas eu não disse nada disso para Cledir. Eu disse: nem fodendo (...).

Dei o primeiro tiro, Suel voou no chão, deve ter morrido na hora.¹²

Apesar de racionalmente não querer matar, Máiquel não consegue realmente desviar-se do caminho que já estava traçado por Deus para ele, conforme acredita.

Realmente não dá entender como é que um sujeito faz uma bobagem dessas. Só há uma explicação: Destino. Antes da gente nascer, alguém, sei lá quem, talvez Deus, Deus define direitinho como vai foder com sua vida. É isso. Era a minha teoria. Deus só pensa no homem quando tem que decidir como é que vai destruí-lo. Quando ele não tem tempo, faz uma guerra, um furacão, mata um monte. Em mim ele pensou.¹³

Máiquel atribui a Deus o seu gesto de morte, “o jogo do

sagrado e da violência é apenas um”,¹⁴ diz Girard. O ímpeto incontrollável de Máiquel para realizar a pior das violências, que é matar, também faz eco nas afirmações de Girard sobre a violência que acompanha todo o herói mítico. Não seria a impulsividade de Máiquel a mesma que Girard encontra na tragédia grega de Sófocles? Segundo Girard, Édipo possui uma fraqueza fatal que faz dele um herói trágico: a impulsividade colérica. Não que a cólera seja exclusiva de Édipo, mas o heróico está no fato de ser ele o primeiro a deflagrar uma cólera que não é exclusivamente sua, mas de todos.¹⁵

A repercussão da atitude de Máiquel, a execução de Suel, parece confirmar tanto essas afirmações de Girard, como as de Campbell: “quando a ação do herói coincide com a ação para qual sua própria sociedade está pronta, ele parece seguir o grande ritmo do processo histórico”.

Gonzaga, assim que me viu, estendeu a mão molhada, aquela mão objetiva e úmida apertando minha mão, sorrindo e dizendo que eu poderia pedir o que quisesse, que era por conta da casa, que a partir de agora seria assim, tudo o que você quiser. Ele estava feliz por eu ter matado o Suel. O Suel era um miserável filho da puta, roubou o toca-fitas do carro da minha irmã, todo o mundo odeia o Suel, eu odeio o Suel ele disse.¹⁶

(...) Robinson apareceu, puxou-me para o brilhar, só se fala disso no bairro, estão todos orgulhosos de você, ele disse.¹⁷

3º) O auxílio sobrenatural

“Para aqueles que não recusaram o chamado”, diz Campbell, aparecerá uma figura que “representa o poder benigno e protetor do destino” e que irá auxiliar o herói na sua aventura. No mito clássico Hermes-Mercúrio é essa figura, nos contos de fadas é um ser que habita a floresta, ou o mundo no qual o herói irá se aventurar.

Eu vou te dizer uma coisa, rapaz, você tem os dentes ruins, eu sou dentista, eu tenho um problema e você tem os dentes ruins. Podemos nos ajudar. Você me ajuda, eu te ajudo. Eu trato dos seus dentes de graça e você faz alguma coisa para mim. Você concorda? Eu quero ter dentes bons. Matar um desgraçado, é isso que eu quero de você.¹⁸

A figura protetora na aventura de Máiquel é o dr. Carvalho, “o condutor do espírito inocente para os reinos da provação”;¹⁹ Máiquel deverá matar o estuprador de sua filha em troca de ter dentes tratados. Também será dr. Carvalho quem lhe irá agenciar as outras mortes, ou seja, o condutor, o iniciador da sua carreira/aventura de matador profissional:

(...) dr. Carvalho voltou com um copo de uísque, mandou a Gabriela deixar nós dois sozinhos, você tem que se animar garoto, tome isso. Tomei, o

uísque era bom, me aqueceu. A vida melhorou um ponto. Você pensou melhor na proposta do Sílvio? Fiz sim com a cabeça, antes mesmo de lembrar que o Sílvio era aquele homem que eu tinha conhecido no jantar na casa do dr. Carvalho, aquele homem que reciclava lixo e que queria que eu matasse alguém. A televisão mostrava propaganda de comida, boceta, cobertor, sapato, casa, automóvel, relógio, dentes, colégio, namorada, aparelho de som, respeito, sanduíche de mortadela, sorvete, bola de futebol, xarope, meia, cinema, filé mignon. É isso aí garoto. Você fez bem. Vamos para o meu escritório. Vamos conversar sobre aquele filho da puta que está atormentando a vida do Sílvio.²⁰

Não seria, para Máiquel, o mundo que a propaganda mostra “aquela região dos tesouros”, aquela “terra distante, habitada por seres sobre-humanos” e de “delícias impossíveis”²¹ que o herói deverá se aventurar e alcançar, com a proteção de seu guia?

4º e 5º) Passagem pelo primeiro limiar e o ventre da baleia

Esses dois momentos do modelo de monomito proposto por Campbell estão muito imbricados e, como ele mesmo afirma, “muitas vezes diferentes personagens e episódios podem ser fundidos”.²² Por isso, nos parece mais adequado, no caso em análise, que sejam tratados como único.

O quarto momento refere-se ao aspecto externo e o quinto às questões de ordem interna com as quais o herói deverá se deparar. Internamente ou externamente, esse é o momento da jornada mítica, em que o herói deverá transcender os “limites da esfera ou horizonte da vida presente (...) dar o primeiro passo em direção ao inexplorado”, conforme afirma Campbell.

Nas fábulas esse momento é quando o herói enfrenta os ogros, leviatãs, dragões, monstros terríveis que guardam o templo das profundezas infinitas; é o lugar das trevas, do desconhecido. Na mitologia clássica são as sereias de Ulisses, é o dragão de Jasão, é Pã com sua flauta mágica. No caso de Máiquel, seu “ogro” é Ezequiel, o estuprador da filha do dentista.

“Estuprador. Gênios caprípedes e broncos/
Estupram virgens hamadriades, quinta série,
d.Leda, professora de português (...) Decorei
alguns versos para agradar d. Leda, às vezes, no
meio de nada, eles aparecem dançando na minha
mente. Ezequiel era um estuprador, diziam.

O limite que Máiquel terá de transcender é matar, matar sob encomenda, para isso terá de transformar seus valores, enfrentar seus medos, fortalecer seu ego²³, fazendo coisas importantes para si mesmo.

“Um homem para matar, aquilo me incomodava.

(...) O que é que guardaram de especial para mim? Posso vender sapatos, descascar batatas, qualquer coisa. Foda-se. Posso também matar. É fácil matar, você pega o revólver, aperta o gatilho e pronto, um gesto simples, morrer é que difícil. Eu ainda não tinha certeza se ia matar Ezequiel. (...) O homem para matar, os pensamentos vieram como carneirinhos e eu deixei que eles pulassem obstáculos. Pularam. As coisas foram ficando claras, fui alinhando tudo. Eu mataria Ezequiel porque era importante para mim. Dentes bons, cavalo dado, caça. Não preciso ter medo.”²⁴

Na literatura esse momento está relacionado às indagações sobre a vida e morte, como as enfrentadas pelos heróis literários dos chamados romances clássicos de formação. Claro que a condição sócio-cultural de **Maiquel** não lhe permite grandes vôos filosóficos e indagações sobre a vida e morte, como as enfrentadas pelos heróis literários. “Abandonei a escola e hoje não me sinto mais digno de entrar em sua morada, mas dissei uma só palavra e serei salvo”.²⁵

Outro aspecto colocado por Campbell, em relação a esse momento da aventura do herói, é de ele estar sempre associado à libido. “A *libido* incestuosa e o *destrudo parricida*, por conseguinte, se refletem contra o indivíduo e sua sociedade sob formas que sugerem ameaças de violências e fantasias de deleite perigoso, não apenas os ogros, mas também de sereias de beleza misteriosamente nostálgica e sedutora.”²⁶ Talvez não seja à toa que o “ogro” de Máiquel seja um estuprador, mas o que aparece como mais evidente a essa associação libidinal na narrativa é a concomitância do

assassinato de Ezequiel com dois outros fatos. Vejamos esse trecho:

Eu tinha acabado de matar um homem e Cledir estava grávida, fale alguma coisa ela disse, pelo amor de Deus fale alguma coisa. Vamos nos casar, eu disse. Ela parou de chorar. Você quer?

Érica abriu a porta da sala, colocou o lixo para fora, dançando, a música no último volume, sorriu para nós. Fiz sinal para que ela entrasse logo, ela levantou os braços deixando à mostra uma faixa de barriga entre a camiseta e o short, o umbigo, o corpo dançando, serpenteando, fazendo graça para nós dois. Sorri. Cledir arreganhou a boca, Érica desapareceu, continuamos a ouvir a voz dela, vamos falar com sua mãe, eu disse, casar, eu disse, fizemos um monte de planos, embora eu sentisse que algum cano tinha estourado dentro de mim.²⁷

Concomitante ao ato de matar sua primeira vítima sob encômenda aparece a libido de Érica e a gravidez de Cledir. Poderíamos comparar Érica às tentações das ninfas da Ilhã das Sereias, ou da deusa Calipso, que seduzem Ulisses na travessia dos mares no seu regresso de Tróia, e Cledir a Penélope que espera por ele com seu filho Telêmaco. Ou ainda, não seria Cledir a Medéia a quem Jasão promete casamento em troca de ajuda para enfrentar o dragão que guarda o Velocino de Ouro?²⁸ E o “cano estourado” dentro de MáiqueL não seria a metáfora da auto-aniquilação que acompanha esse momento da trajetória do herói, segundo a

opinião de Campbell? Ele também fala de ambigüidade nessa passagem da aventura, ou seja, as atitudes tomadas pelo herói podem levá-lo tanto à vitória como à derrota; podem agradar a sociedade ou desagradar. No caso de Máiquel, sua atitude parece ter sido vitoriosa:

Havia uma festa para mim. Gonzaga ofereceu cerveja de graça, Manuel, do açougue, trouxe uma picanha, vamos fatiar, vamos fritar, vamos assar. Parabéns, parabéns, era só o que eles diziam. (...) As pessoas gostaram da parte em que eu martelei a cabeça e furei os olhos do Ezequiel. As mães adoraram e eu achei normal que elas adorassem.²⁹

Segundo estágio da jornada mitológica do herói: a partida

6º) O caminho das provas

“Tendo cruzado o limiar, o herói caminha por uma paisagem onírica povoada por formas curiosamente fluidas e ambíguas, na qual deve sobreviver a uma sucessão de provas.”³⁰ Depois da morte de Ezequiel, sua primeira prova, Máiquel começa uma jornada por um mundo, no mínimo, estranho ao seu cotidiano:

A casa do dr. Carvalho tinha muito mogno e cetim, leque chinês, laca, penachos coloridos plantados em vasos gigantes e tapetes que batiam na canela da gente (...) Chegaram os abacaxis tropicais, uma espécie de maionese que é servida em porções individuais dentro do próprio abacaxi, eu nunca tinha visto aquilo, que espécie de maluquice é esta? (...) Experimente esse cigarro americano. Percebi que ele notou meu sapato todo fodido. Os cigarros americanos são os melhores do mundo.³¹

Na verdade, para Campbell, “a provação é um aprofundamento do problema do primeiro limiar e a questão que ainda está em jogo é: pode o ego entregar-se à morte?”³²

Enquanto caminhava e olhava para os meus sapatos fodidos, eu pensava que a vida é uma coisa engraçada. Ela vai sozinha, como um rio, se você deixar. Você também pode botar um cabresto, fazer da vida seu cavalo. A gente faz o que quer. Cada um escolhe sua sina, cavalo ou rio.³³

Irá Máiquel desistir da sua jornada como matador, colocará “cabresto” na sua vida e não matará mais ninguém ou navegará pelo “rio” de sangue que a vida está lhe apresentando? Essas são as questões com que Máiquel se defronta, entre o livre-arbítrio ou o destino, entre as ações

conscientes e as inconscientes, incontroláveis, entre “Id” e “Ego”.

7º e 8º) O encontro com a deusa e a mulher com tentação

Pelos mesmos motivos já citados anteriormente nas passagens quatro e cinco, analisaremos esses dois momentos como único.

Em síntese, esses momentos representam o encontro do herói com a figura arquetípica da mãe. Essa figura é tanto “boa” como “má” e, nas palavras de Campbell, “espera-se que o devoto contemple as duas com a mesma equanimidade”, pois é por meio “desse exercício que seu espírito é purgado de toda sentimentalidade e ressentimento, infantis e inadequados”. Em *O matador*, a “boa” e a “má” figura são representadas por Cledir e Érica, respectivamente:

Érica era uma garota inteligente, e cada vez mais eu gostava de ficar com ela. Olhos espertos, músculos, muito diferente de Cledir. Érica adorava beber e dançar. Gostava de rir. E Cledir me esperando para o jantar. Criando meu filho dentro da barriga, cozinhando, uma coisa pura, sincera, certa. Érica era sacana e iria me trair. Iria me trair, eu sentia isso em cada palavra que saía de sua boca. (...) Cledir nunca iria me trair (...)

Voltava para Érica e voltava para Cledir. Fodia com Érica e fodia com Cledir. Com Érica era

bom, com Cledir era bom.³⁴

Um dos exemplos propostos por Campbell para esta situação é a lenda dos cinco filhos do rei irlandês Eochaid que se haviam perdido na floresta e, quando quase mortos de sede, apenas um deles teve coragem de beijar uma velha de aparência desagradável em troca de água, que ao ser beijada se transformou em jovem e bela. Com esse exemplo, Campbell quer demonstrar que a gentileza seria a chave para o herói encontrar “o sublime auge da aventura sexual”. Portanto, o herói deverá possuir “aquilo que os menestréis e trovadores chamam de *coração gentil*”, para ser capaz de encarar o lado “terrível” da deusa, já que ela “o trai e guia e lhe pede que rompa os grilhões que o prendem”.³⁵ Vejamos este trecho de O matador:

Senti um amor tão grande por ela (Érica), eu te amo, eu disse, ama nada, amo sim, amo muito. Você quer o quê? (...) o que você quiser, eu faço, faço tudo, eu quero que você mate a Cledir, ela disse. Ela disse isso mesmo: eu quero que você mate a Cledir.³⁶

9º) A sintonia com o pai

Depois de o herói ter passado por todas as provações, ter encontrado com a deusa é o momento de receber as

recompensas, de ser “reconhecido pelo pai-criador”.³⁷ Diz Campbell: “A *pura Vontade de Deus* que protege o pecador da flecha, da torrente e das chamas, é chamada, no vocabulário cristão tradicional, *misericórdia divina*; a *poderosa Força do Espírito de Deus*, por meio do qual o coração é transformado, é a *graça de Deus*.”³⁸

Esse momento é, em *O matador*, aquele em Máiquel, depois chamado divino, depois de ter se debatido com seus precários valores morais e se tornado um matador com o auxílio do dr. Carvalho, depois de ter desfrutado de algumas benesses daquele mundo encantado que a propaganda mostra e de ter encontrado o amor e suas provações, tem agora o reconhecimento pelos seus feitos sendo convidado, enfim, para assumir um lugar no “reino”:

Senti uma paz calma dentro do meu peito, uma paz quente, sei lá o que me deu, não foi o uísque, foram as palavras do delegado que me trouxeram aquela paz, aquele orgulho, um delegado me propondo sociedade, eu era mesmo uma pessoa muito querida no bairro, eles passavam e buzinavam, acenavam as mãos, senti uma paz (...) Daríamos segurança para o bairro.(...) Santana, era esse o nome do delegado, Santana entraria com o escritório, as secretárias, o telefone, a placa da firma, o advogado e, claro, ele disse com o poder, as influências, a cobertura. Eu entraria comigo mesmo, com minha equipe, com que eu sabia fazer, ele disse.³⁹

10º) A apoteose

Para os místicos esse é momento da divinização, da expansão da consciência, é quando Buda atinge a iluminação, é quando Jesus Cristo sobe aos céus; para os gregos, na aventura heróica de Jasão, é quando ele encontra o Velocino de Ouro. Eis o “velocino de ouro”, “o troféu transmutador de vida” de Máiquel:⁴⁰

E finalmente a hora da medalha. Houve uma época que eu acreditava que talão de cheques e mulheres eram a base da felicidade. Subi no palco. Dinheiro ajuda, mulher melhora tudo, mas é a fama que reinventa a vida de um homem, foi isso que eles me ensinaram naquela noite. Abraçaram-me. Fotografaram-me. Pediram para que eu falasse. Eu falei que estava pensando em me candidatar a vereador. Eles gostaram muito. A medalha, que coisa bonita é uma medalha.⁴¹

11º) A bênção última

Antes de atingir o terceiro e último estágio da jornada mitológica, o herói ainda deve passar por mais um teste. Como diz Campbell: “o herói comum teria um teste diante de si, o eleito não encontra nenhum empecilho e não comete erros.”

Se o herói obtiver, em seu triunfo, a benção da deusa ou do deus e for explicitamente encarregado de retornar ao mundo com algum elixir destinado à restauração da sociedade, o estágio final da sua aventura será apoiado por todos os poderes do seu patrono universal.⁴²

Em *O matador*, nesse momento da narrativa, Máiquel prova ser um herói comum – depois de ter sido abandonado por Érica, portanto sem a benção de sua deusa – cometendo um erro fatal:

Por que, Érica, por que você não me levou junto?
Pai pediatra. Como é que eu ia saber? Como é
que eu ia saber que o garoto era um bom
estudante? À noite correndo de skate, parecia
um ladrão de Reebok. Como é que eu ia saber?
Foi um engano. Admito que errei. Matei por
engano. Agora, me diga, as pessoas vivem fazendo
cagadas por aí. As pessoas erram, às vezes.⁴³

Máiquel também não encontra mais o apoio de seu “patrono universal”, seu “auxiliar sobrenatural”: “Ele se levantou, fora daqui, ele disse, cachorro sarnento, lenço na boca para segurar aquele sangue todo, dr. Carvalho atrás de mim, mancando e me xingando de cachorro sarnento, cachorro filho da puta e outros nomes assim.”⁴⁴

Terceiro estágio da jornada mitológica do herói:

o retorno

Campbell apresenta três possibilidades de caminho para o herói nesse estágio da sua jornada, que dependerão da atitude do herói na etapa anterior, **A benção última: (1) A recusa do retorno**, como é caso de muitos santos que depois do êxtase celestial recusam-se a voltar ou não conseguem traduzir a experiência vivida, ou dos heróis míticos que permanecem para sempre na Ilha Encantada⁴⁵; (2) **O resgate com auxílio externo**, quando o herói retorna, com a benção da deusa ou do deus e o apoio do auxiliar sobrenatural, para trazer os símbolos da sabedoria que podem servir à renovação da comunidade⁴⁶; e (3) **A fuga mágica**, quando o herói não retorna, empreende uma fuga e é perseguido por ter cometido um erro fatal e desagradado deuses ou demônios⁴⁷. No caso de Máiquel, como já vimos, pela sua atitude anterior, será a terceira opção, ou seja, a fuga.

Pegamos a estrada, eu no volante. Um vento frio. Enoque ligou o rádio. A polícia, o locutor dizia, ainda não encontrou o bandido Máiquel, acusado de mais - meti o pé com força no rádio, quebrei aquela joça. Parei o carro. Salta, eu disse para o Enoque, os caras não estão atrás de você. Empurrei ele para fora do carro e arranquei. Eu não queria saber de nada do que estava

acontecendo, queria deixar tudo para trás, ir em frente até encontrar um buraco e me meter nele, no buraco, me esconder, no buraco, até o frio acabar, até chegar a hora de sair.⁴⁸

Assim termina a aventura de Máiquel no romance *O matador*, de Patrícia Melo. Essa análise estrutural, que fizemos com o apoio do modelo mitológico proposto por Campbell, comprova as características heróicas do protagonista e, portanto, a sobrevivência literária, no romance *O matador*, dos grandes temas mitológicos.

Podemos, também, perceber, na análise minuciosa que fizemos do romance, ressonâncias muito claras das idéias de René Girard sobre a relação entre a violência e o "sagrado", os mecanismos da vítima sacrificial e o herói trágico. As vítimas de Máiquel são os bodes expiatórios, as vítimas sacrificais de que fala Girard, sobre os quais uma sociedade com um sistema judiciário e um poder político enfraquecido desvia uma violência que pode golpear seus próprios membros.⁴⁹ E Máiquel é o herói que em todos os mitos, como afirma Girard, "atrai para sua pessoa, como um imã, uma violência que afeta toda a comunidade, uma violência maléfica e contagiosa, que será transformada em ordem e segurança pela sua morte ou triunfo".⁵⁰

Cada pessoa no bairro me trazia um naco de ódio para eu engolir. (...) comecei a gostar de ouvir aquelas histórias podres, eu ouvia e era como se tivesse dando um naco de carne para o meu ódio, e mais outro naco, fui ficando viciado naquilo, o exercício funciona mesmo, eu odeio, ele odeia, odiamos.⁵¹

A exemplo da trajetória dos heróis trágicos (Édipo) e personagens bíblicos (Jó), analisados por Girard, Máiquel, depois do triunfo, se transforma também em bode expiatório. Se a tragédia grega e os textos bíblicos provam para Girard “a tese de unanimidade violenta e da vítima expiatória”, o romance *O matador* comprova o mesmo:

Aos poucos todos iam me abandonando, (...) a coisa despençou lá de cima, do ministro, e foi caindo em cima da gente (...) o negócio é te ralar vivo. Eu não sou bandido, eu disse. Porque o que eles precisam é de um grande crime, ou pelo menos de um crime decente, todo o dia a gente tem que dar um bom crime para eles terem o que fala no jantar.⁵²

Concluindo, diríamos que os autores, Girard e Campbell, apesar de se contraporem quanto ao método de investigação – no sentido de que Girard critica as análises que fazem uso da psicanálise com instrumento de aferição, como as feitas por Campbell, por essas não darem conta de explicar, como explica a sua tese da vítima expiatória, a intervenção do inconsciente no gesto humano –, coincidem quanto aos resultados. Portanto, para cumprir com o objetivo a que esse texto se propõe, afirmamos que o livro *O matador*, é um exemplo da sobrevivência literária dos elementos mitológicos apontados pelos teóricos aqui estudados.



Notas

1. FOLHA DE S. PAULO. São Paulo, 15 de set. de 2000, *Ilustrada*.
2. GIRARD, René. *A violência e o sagrado*. São Paulo: Paz e Terra, 1998.
3. CAMPBELL, Joseph. *O herói de mil faces*. São Paulo: Cultrix, s/d. p. 40.
4. *Ibidem*. p. 60.
5. MELO, Patrícia. *O matador*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 10.
6. CAMPBELL, op. cit. p.
7. MELO, op. cit. p.
8. *Ibidem*. p. 11.
9. CAMPBELL, op. cit. p. 61.
10. *Ibidem*. p. 67.
11. MELO, op. cit. p. 14.
12. *Ibidem*. p. 16.
13. *Ibidem*. p. 15.
14. GIRARD, op. cit. p. 339.
15. *Ibidem*. p. 92.
16. MELO, op. cit. p. 20.
17. *Ibidem*. p. 24.
18. *Ibidem*. p. 32.
19. CAMPBELL, op. cit. p. 77.
20. MELO, op. cit. p. 83 – 84.
21. CAMPBELL, op. cit. p. 66.
22. *Ibidem*. p. 242.
23. GREEN, Liz.
24. MELO, op. cit. p. 34 e 37.
25. MELO, op. cit. p. 37.
26. CAMPBELL, op. cit. p. 83.
27. MELO, op. cit. p. 51.
28. BULFINCH, Thomas. *O livro de ouro da mitologia*. 6. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999. p. 161 e 281.
29. MELO, op. cit. p. 55.

30. CAMPBELL, op. cit. p. 102.
31. MELO, op. cit. p. 59 e 60.
32. CAMPBELL, op. cit. p. 110.
33. MELO, op. cit. p. 65.
34. Ibidem. p. 87 e 90.
35. CAMPBELL, op. cit. p. 117.
36. MELO, op. cit. p. 107.
37. CAMPBELL, op. cit. p. 242.
38. Ibidem. p. 127.
39. MELO, op. cit. p. 124.
40. CAMPBELL, op. cit. p.
41. MELO, op. cit. p. 167.
42. CAMPBELL, op. cit. p. 198.
43. MELO, op. cit. p. 178.
44. Ibidem. p. 174.
45. CAMPBELL, op. cit. p. 147.
46. Ibidem. p. 195.
47. Ibidem. p. 198.
48. MELO, op. cit. p. 204.
49. GIRARD, op. cit. p. 24.
50. Ibidem. p. 112.
51. MELO, op. cit. p. 44.
52. Ibidem. p. 183 e 188.

Referências Bibliográficas

BULFINCH, Thomas. *O livro de ouro da mitologia*. 6^ª ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.

CAMPBELL, Joseph. *O herói de mil faces*. São Paulo: Cultrix, s/d.

ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. São Paulo: Perspectiva, 1991.

- FOLHA DE SÃO PAULO. São Paulo, 15 de set. 2000- Ilustrada.
- FRAZER, J.G. *The Golden Bough – A study in Magic and Religion*, abridged edition, Londres: The Macmillan, 1978
- GIRARD, René. *El chivo expiatorio*. Barcelona: Editorial Anagrama, 1986.
_____. *A violência e o sagrado*. São Paulo: Paz e Terra, 1998.
- MELO, Patrícia. *Acquatoffana*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- MELO, Patrícia. *Elogio da mentira*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998
- MELO, Patrícia. *O inferno*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000
- MELO, Patrícia. *O matador*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995
- RANDAZZO, SAL. *A criação de mitos na publicidade*. Rio de Janeiro: Rocco, 1996

